



ÁFRICA

Etiópia em estado de emergência

País adota a medida depois de rebeldes do Tigré reivindicarem o controle de duas cidades estratégicas. Estados Unidos anunciam corte de benefícios comerciais em razão de violações de direitos humanos praticadas pelas duas partes

A crise na Etiópia ganhou, ontem, novos contornos, depois que o governo etíope declarou estado de emergência em todo o país por seis meses. A medida foi adotada dois dias depois de os insurgentes da região do Tigré terem reivindicado o controle de duas cidades estratégicas, afirmando que consideram marchar rumo à capital, Adis Abeba. "O estado de emergência visa proteger os civis contra as atrocidades cometidas pelo grupo terrorista Frente de Libertação do Povo Tigré (TPLF) em várias regiões do país", informou o Fana Broadcasting Corporate, a mídia estatal.

A TPLF reivindicou nos últimos dias a captura de Dessie e Kombolcha, localizadas em um cruzamento estratégico cerca de 400km ao norte de Adis Abeba. O governo negou ter perdido o controle dessas cidades, mas se for confirmada, tal captura marcará outra fase importante no conflito que já se arrasta por um ano.

Em meio aos anunciados avanços dos rebeldes, o primeiro-ministro Abiy Ahmed pediu à população, há dois dias, que peguem em armas para se defenderem. Ontem cedo, as autoridades orientaram os moradores da capital etíope a registrarem suas armas e se prepararem para defender seus bairros.

As comunicações foram interrompidas em grande parte do norte da Etiópia e o acesso dos jornalistas se tornou restrito, dificultando a verificação independente da situação no país.

Essa recente escalada do conflito preocupa a comunidade internacional, que, nos últimos dias, renovou seus apelos por um cessar-fogo imediato e negociações de paz. O enviado americano para o Chifre da África, Jeffrey Feltman, declarou, ontem, que Washington se opõe a "qualquer movimento da TPLF em direção a Adis Abeba ou qualquer ação destinada a sitiá-la", durante

AFP



Agricultores passam por tanque abandonado em estrada na região do Tigré: em Adis Abeba, população é orientada a se armar

Sem isenções

O presidente Joe Biden notificou ao Congresso que, a partir de 1º de janeiro, a Etiópia será privada das preferências de tarifas concedidas por uma lei americana aos países da África subsaariana. Guiné e Mali, que sofreram golpes de Estado, também vão perder o benefício. A Lei de Crescimento e Oportunidades para a África (Agoa), lançada em 2000, oferece a 40 nações africanas amplas isenções alfandegárias para exportar seus produtos aos EUA desde que se comprometam a respeitar os direitos humanos e as condições de trabalho.

uma intervenção no Instituto Americano para a Paz, um centro federal que promove a resolução de conflitos.

Punição

Os Estados Unidos também anunciaram que vão **retirar importantes vantagens comerciais**

concedidas à Etiópia. Segundo comunicado do governo americano, a medida decorre de "graves violações de direitos humanos reconhecidas internacionalmente, perpetradas pelo governo etíope e outras facções no norte do país". A Etiópia deplorou a decisão que "reverterá importantes

ganhos econômicos".

O Tigré, em meio a um conflito de quase um ano entre as autoridades dissidentes locais e as forças do governo de Abiy Ahmed, foi palco de massacres e violações em massa, denunciadas pelo secretário de Estado americano, Antony Blinken, como "atos de limpeza étnica".

Ontem, no Instituto Americano para a Paz, Jeffrey Feltman ressaltou que as coisas não podem continuar "como de costume" com o governo da Etiópia, o qual acusou de dificultar intencionalmente a ajuda humanitária. "Nenhum governo pode tolerar uma insurgência armada, nós entendemos, mas nenhum governo deveria adotar políticas ou permitir práticas que resultem na fome maciça de seus próprios cidadãos", ressaltou.

O conflito do Tigré começou em 28 de novembro de 2020. Prêmio Nobel da Paz de 2019, o premiê Abiy Ahmed proclamou vitória naquele dia, poucas semanas depois de enviar o Exército a Tigré para destituir

Nenhum governo pode tolerar uma insurgência armada, nós entendemos, mas nenhum governo deveria adotar políticas ou permitir práticas que resultem na fome maciça de seus próprios cidadãos"

Jeffrey Feltman, enviado americano para o Chifre da África

as autoridades regionais dissidentes da TPLF.

Sete meses depois, porém, a situação experimentou uma mudança dramática. Foi quando os rebeldes recuperaram a maior parte da região, forçando um recuo das tropas do governo. Ao mesmo tempo, continuaram sua ofensiva nas regiões vizinhas de Amhara e Afar.

A posterior propagação dos combates para a vizinhança deslocou centenas de milhares de pessoas e aumentou a crise humanitária que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), deixou 400 mil pessoas à beira da fome. Em setembro, as autoridades de Amhara estimaram que pelo menos 233 mil civis que fugiam do avanço rebelde encontraram abrigo em Dessie e em Kombolcha.

Na segunda-feira, moradores de Kombolcha procurados pela agência de notícias France-Presse disseram ter ouvido tiros, continuamente, até a madrugada. Outros afirmaram que houve um ataque aéreo.

TERRORISMO

Ataque a hospital militar em Cabul

Um atentado com explosivos contra o maior hospital militar do Afeganistão deixou pelo menos 25 mortos e 50 feridos na capital, Cabul, onde o Talibã enfrenta uma série de ofensivas terroristas desde que tomou o poder, em agosto. Oito horas após o ataque, o braço do Estado Islâmico (EI) no país, conhecido pela sigla em inglês Isis-K, reivindicou a ação.

Segundo relatos, o ataque foi iniciado por um suicida, que se imolou na entrada do Hospital Sardar Mohammad Dawood Khan. Em seguida, dois homens armados invadiram o prédio, efetuando disparos. Houve ainda uma explosão nas imediações. Todos os extremistas envolvidos na ação morreram. "Os agressores

queriam atacar civis, médicos e pacientes", afirmou o porta-voz talibã Zabiullah Mujahid.

A primeira explosão ocorreu por volta das 13h (5h30 no horário de Brasília). Toda a ação durou 15 minutos. Os talibãs encerraram o ataque após terem enviado por helicóptero uma equipe das chamadas forças especiais para o telhado do prédio. As ruas ao redor da fortemente protegida "Zona Verde", onde se encontravam as antigas sedes das embaixadas ocidentais, foram fechadas ao tráfego.

Do hospital, um médico narrou os acontecimentos à agência de notícias France-Presse. "Ouvimos uma forte explosão no primeiro controle do hospital. Pediram que fôssemos para quartos seguros. Também ouvi tiros",

contou. Em 2017, o complexo, que trata de soldados feridos do Talibã e das forças de segurança do governo derrubado, invadido por homens armados vestidos como médicos que mataram dezenas de pessoas.

Naquela ocasião, por horas, os agressores foram de quarto em quarto atirando em pacientes ou esfaqueando-os quando ficavam sem munição. A ação foi reivindicada pelo EI. Alguns sobreviventes, contudo, acusaram os talibãs.

Ofensivas em série

Embora sejam grupos sunitas radicais, o Estado Islâmico do Khorasan (Isis-K) e o Talibã estão em campos opostos sobre

AFP



Soldados talibãs em guarda: Isis-K assumiu o atentado, que deixou 25 mortos

a estratégia a seguir no Afeganistão. O braço local do EI assumiu a responsabilidade por quatro ataques no Afeganistão desde 15 de agosto, incluindo

o atentado ao aeroporto de Cabul durante a retirada das potências ocidentais e explosões em mesquitas xiitas.

O grupo também assumiu a

responsabilidade pelo último ataque à capital afegã, em 3 de outubro, quando pelo menos cinco pessoas morreram em uma explosão perto da mesquita Id Gah.